

**Prosas e Narrativas:
Ruth Rocha e Maria Heloísa Penteado**

À procura dos leitores perdidos, os textos para crianças se expandem em tantas direções que o rótulo "Literatura Infantil" se rompe, insuficiente para cobrir um grande número de produtos, às vezes nem tão infantis, às vezes distantes dos conceitos correntes de "literatura".

Também a figura do escritor transborda contornos. Boa parte dos mais conhecidos autores da nossa Literatura Infantil são pessoas multiatuantes, às quais não basta o escrever – promovem atividades, criam e dirigem publicações, comparecem a muitos simpósios e debates, discutem, divulgam. Um clima de sofreguidão transpassa, nos últimos vinte anos, o reino da Literatura Infantil Brasileira, batido por muitas urgências: há uma crise da leitura a ser combatida pela aproximação aos livros; há um público fugidio a ser conquistado e mantido, mas também um mercado em expansão, com postos a serem conquistados e mantidos; e existe, ainda, na esteira dos anseios de (re)democratização do País, um embate de concepções e valores em meio ao qual é preciso marcar terreno antes que um aventureiro o faça.

Quero crer que essas condições, mais do que outros fatores também consideráveis, espicaçam com o sentido de urgência nossa produção escrita para crianças e a empurram por certos caminhos cujo traçado se pode observar sobretudo no domínio das narrativas. Chegar depressa, conquistar e, ao mesmo tempo, renovar-se, implicou, entre outras coisas, uma certa sujeição da palavra à imagem, não só porque esta tem maior acesso aos pequenos leitores, mas também porque o campo da ilustração terá tido condições de renovar-se mais rapidamente. Artistas plásticos, artistas gráficos ganharam a corrida na superação de marcas ditas rançosas em nossa produção para crianças.

1 Mestra em Literatura Brasileira pela USP e Professora no Depto. de Teoria Literária e Literatura comparada da USP.

Enquanto isso, a palavra, envergonhada, desfazia-se freqüentemente de qualquer pretensão à elaboração literária. O fenômeno é mais visível naquelas obras dirigidas à criança em fase de alfabetização. Aí, o empenho em ajudá-la nesse processo levou à seleção de frases e palavras "simples", ao contrário do que fizera, por exemplo, a poeta e educadora Cecília MEIRELES.

Mas também obras para crianças maiores se ressentem de um rebaixamento de tom e pretensões. Já quase não se narra. Textos – alguns bem-conceituados – tomam a feição de uma conversa com o leitor (talvez melhor se dissesse ouvinte), quando não de uma fala **para** o leitor. A efabulação é mínima e os abundantes discursos diretos e referenciais não comporiam a mais elementar anedota sem o apoio inestimável da ilustração. Vai nisso um pouco da recusa à linguagem freneticamente retorcida de tantos "estouros da boiada" e "entardeceres no campo" que pontuavam nossos manuais até a década de 60; recusa às ornamentais "ave-marias" com que algum poeta doura a pílula de seus ensinamentos rimados para crianças. O direito ao coloquial, conquistado pelo Modernismo, fez-nos desconfiados dos artifícios evidentes, até nos esquecermos de que a oralidade, o coloquial, quando representados na escrita, são outros tantos artifícios.

Em alguns escritores o tom de conversa é, claramente, um artifício narrativo, uma opção estilística. Em outros, soa um pouco como capitulação diante das dificuldades que podem advir das assinaladas distâncias entre escritor adulto e leitor criança. Em ambos os casos reflete, na esteira daquelas muitas urgências, o anseio de aproximação com o leitor, o generoso (e por vezes equivocado) gesto pela democratização das relações adulto/criança.

Efeito curioso é que esse desejo de aproximação tenha criado muitas obras que insistem – tanto quanto as de antanho – em expor valores e comportamentos que se esperam das crianças. Em outro artigo(2) eu observava que ouve apenas uma mudança de sinal. Dizia ainda que obras, muitas vezes bem-escritas, têm sido valorizadas não por suas qualidades literárias, não pela criatividade e renovação que representam enquanto obra, mas porque sugerem aos leitores comportamentos "criativos" ou "questionadores".

É também curioso assinalar o número de obras que tratam, de forma alegórica, de questões sociais e políticas, como buscando a adesão dos pequenos às causas que inquietam os adultos.

Não esquecer também aquelas obras cujo interesse parece ser o de tentar compreender o mundo dos pequenos e apoiá-los, falando abertamente de seus medos, fraquezas e ansiedades, ou aquelas que buscam informar sobre coisas de natureza e cultura de maneira mais agradável do que fazem os manuais.

São muitos os ângulos pelos quais se quer estar perto do pequeno leitor. Poucos os que se tecem como obra. Por toda a parte se lançam pontes menos literárias que ideológicas. A colaboração/co-elaboração da criança ainda é mais uma possibilidade descoberta com deslumbre do que algo tão intimamente assimilado que possa tomar forma sem remorsos. Não quer dizer que não haja um número significativo de obras que superem esse momento, nem que todos os textos ansiosos deixem de ter sua importância. No mínimo contribuíram, todos, para a criação de um circuito definitivo chamado de "literatura infantil", com escritores e público nada desprezíveis num país carente de leitores e leituras.

2 Cláudia de Arruda CAMPOS. Análise e avaliação de livros para crianças. In: *Leitura: caminhos da aprendizagem*. São Paulo, FDE, 1990. (Série Idéias, 5).

Contamos com uma multiplicidade de autores e obras entre os quais já é possível – e necessário – fazer diferenciações e estabelecer parâmetros para classificação e avaliação. Os textos em prosa abrangem um bom número de subgêneros (do fantástico ao realismo-chão, passando pelo policial ou pela fábula), com autores bem e malsucedidos. Do mesmo autor há obras mais, ou menos, bem-realizadas.

Dentre as várias tendências e autores da nossa Literatura Infantil escolhemos para examinar aqui dois caminhos diferentes: o de Ruth ROCHA e o de Maria Heloísa PENTEADO.

Ruth ROCHA é um dos escritores mais exemplares desta fase de nossa Literatura Infantil. Não será fácil encontrar outro escritor mais atuante. E até porque sua atividade (como sua obra) é bastante conhecida, dispensa-se arrolar suas múltiplas intervenções como escritora, educadora, agitadora cultural, editora. Ruth ROCHA remexe continuamente o caldeirão da Literatura Infantil.

A obra de Maria Heloísa PENTEADO continua em curso, mas distendeu-se sobretudo em época um pouco anterior ao período caracterizado pela "sofreguidão". A autora pode vangloriar-se de algum pioneirismo. Escrevendo para crianças desde o final dos anos 40, organiza e dirige (de 53 a 68) a página infantil do Suplemento Feminino de O Estado de S. Paulo e figura entre os escritores que, ultrapassando a polêmica entre "realismo" e "fantasia", revalorizam as histórias maravilhosas.

Os livros de MARIA HELOÍSA têm títulos nada sofisticados. Muitas vezes, à semelhança dos contos tradicionais, remetem apenas ao protagonista da história, com, no máximo, um segundo termo que o caracteriza, ou às suas aventuras: *Lúcia-já-vou-indo*, *Bani Brasinha*, *Madalena Pipoca*, *A Menina Que o Vento Roubou*.

Na maioria de suas histórias, acontecimentos fantásticos invadem o cotidiano ou com ele convivem: é a menina que vira pipoca quando, desobediente, vai mexer na panela num dia impróprio; é Marili que num apartamento com porteiro e elevador conversa com Trinca de Reis, uma esperança trazida pelo Vento Sul.

MARIA HELOÍSA, ao que tudo indica, tem especial interesse por feitiços e feitiçeras. Em suas histórias há bruxas de todos os tipos. Algumas são terríveis, como Dona Quitéria Trutruzeira, moderna e modesta Circe de bairro, que poderia estar vivendo ali, na nossa rua, e que transforma em galinhas as crianças que não controlam seus impulsos. Outras são risíveis ou risonhas. Outras, ainda, são verdadeiras antibruxas, como a bela caçula do trio Maricá, Marilá, Maricolá.

Como em boas histórias maravilhosas, para se chegar ao final feliz não se desdenha a intervenção de outros agentes encantadores ou desencantadores. É feitiço contra feitiço e, em vários momentos, recurso a procedimentos ditos supersticiosos: consultas aos astros, sortes e sortilégios. Não há castigos ou dificuldades intransponíveis. Com alguma ajuda e coragem, a aventura da vida infantil é resgatada. A solução venturosa não acontece, porém, sem se passar pelos caminhos do sofrimento, do medo: a incompreensão de alguns adultos pode resultar em maus sucessos para crianças pouco controladas; o menino desorganizado pode ir parar no reino perdido do beleléu.

Sob muitos aspectos, Ruth ROCHA trabalha no pólo oposto. Medos? Uma das coleções para a qual escreve vários títulos tem exatamente a finalidade de desautorizar ou aliviar os medos mais comuns: medo de cachorro, medo de dentista, medo de dizer não.

Nas histórias de Ruth ROCHA crianças não estão, impotentes, à mercê de forças que circunstancialmente as dominem. O reizinho mandão é desbancado pela menina sem medos/sem modos: "Cala a boca já morreu! quem manda na minha boca sou eu!".

A escritora-cidadã que publica a Declaração Universal dos Direitos Humanos quer dialogar com crianças-cidadãs que recusem as tiranias, organizem manifestações em defesa de suas áreas de lazer, que exijam seus direitos de consumidores, recusando balas como troco.

Para essas crianças são escritas histórias que se erguem contra as imposições absurdas de uma escola chata, ultrapassada, sem vôo; contra a insensatez dos fazedores de guerras; contra as conveniências inconvenientes à Vida. Pela criatividade, contra os comportamentos (comportas) que represam a personalidade; pela compreensão, contra todos os tipos de repressão, são bandeiras-guias dos temas e histórias tirados do mundo de hoje, buscados no passado, projetados para o futuro.

Na obra de Ruth ROCHA, a aproximação adulto/criança se faz, basicamente, por dois caminhos: a valorização do mundo infantil ante ao adulto, de que é um bom exemplo o famoso Marcelo, Marmelo, Martelo; a tradução, para as crianças, de problemas que preocupam (ou devem preocupar) os adultos. Busca-se, nesse movimento, a adesão do adulto à criança, ou vice-versa. É possível, porém, um terceiro caminho, que a autora encontra em *Faca Sem Ponta*, *Galinha Sem Pé*, onde tema e linguagem propiciam um encontro entre adultos e crianças, cúmplices e vítimas dos mesmos preconceitos.

A escolha de uma linguagem aproximativa parece ser uma grande preocupação de Ruth ROCHA. Se em *Marcelo, Marmelo, Martelo* a adesão ao infantil se dá sobretudo ao nível da fábula, em *O Reizinho Mandão* percebe-se a tentativa de criar uma linguagem-fusão entre o discurso do adulto e o que seria a fala da criança. Nesse livro existe ainda forte predomínio de um infantil estilizado, sugerindo ainda menos elaboração que adesão a uma pretensa criança. A explosão do diálogo em *Faca Sem Ponta*... já constrói um equilíbrio. Crianças e adultos podem ter falas razoavelmente diferenciadas e o narrador, embora mais próximo das crianças (dos personagens infantis), já não se empenha tanto em mimetizar uma fala infantil.

*"Os dias da semana passavam correndo nos pés sujos
e alegres da minha infância.
Sábado tinha a casa da vovó, oba!
Tinha amarelinha, escalde-esconde, primos e tudo...
Antes
E
Além de tudo tinha a "Tilu". De noite a tia Heloísa subia
com a gente: ela ia fazer a gente dormir. Dormir?
Não!
Antes a "Tilu" ia contar histórias pra gente. Uma estória,
duas, três, nada da molecada dormir.
A molecada queria ouvir, eram as histórias, ponto final!
As estórias dela abriam as portas da fábula.
E a fábula transbordava sobre nossa infância...(3)*

3 Depoimento de Flávio Antônio Penteado CUNHA, na 3ª ed. de Madalena *Pipoca* (São Paulo, Duas Didades, 1983).

O quadro diz bem das histórias de Maria Heloísa PENTEADO: histórias contadas perto do sono e do escuro, no aconchego, histórias que, em sua maioria, chamam pra dentro, intimidade, murmúrio.

As histórias de Ruth ROCHA apresentam outro tom dominante: diálogos teatrais, versos em que ressoam os metros populares dos cantadores, frases diretas; compõem textos para auditórios maiores, vozes de praça, palanque e tablado.

MARIA HELOÍSA busca aproximação aos pequenos leitores antes pelos temas e pelo gênero de histórias do que pela construção de uma pretensa oralidade. Em nenhum momento se abeira de uma linguagem infantil mimetizada. Temos, sim, uma linguagem nada ornamentada, mas que não desdenha a poesia e que, apesar dos coloquialismos, se assume como **escrita**.

A autora mostra pleno domínio dos recursos da narrativa, com destaque para a citação de discursos (discurso direto, indireto, indireto livre). Em sua obra, as relações adulto/criança não pendem para adesão a um ou outro lado, nem tem isso como proposta. A autora traça um certo "acordo de fronteiras" entre mundo adulto e mundo infantil através da exploração da relatividade de comportamentos, de interesses e preocupações, dos erros, com suas possibilidades de superação. A autora aposta sempre na vivência da diferença e na compreensão das nossas (de nós adultos e nós crianças) limitações.

Sem espaço aqui para examinar detalhes de composição, opções estilísticas, diria que se quiséssemos resumir em um traço característico os processos de composição eleitos pelas duas escritoras, poderíamos apontar na obra de Maria Heloísa PENTEADO a frequência de um esquema dos contos tradicionais, tal como ocorre, por exemplo, em *No Reino Perdido do Beleléu*: a situação inicial é rompida por algo que gera desequilíbrio; seguem-se busca, provações, até se estabelecer, no final, um novo equilíbrio.

Em Ruth ROCHA, se existe algo que salta à vista é o gosto pela parábola, pela alegoria, procedimento pelo qual as histórias para crianças, sem desagradarem a esse público específico, piscam o olho para os adultos.

Diversos ilustradores trabalham com Ruth ROCHA, mas as ilustrações mais características de suas obras são aquelas marcadas pelo traço hiperbólico, caricaturante, de Walter Ohno, um tipo de traço que, na maioria das vezes, combina bem com o tom dominante da literatura de Ruth ROCHA: humor sarcástico, hipérbole, caricatura que chega a caricaturar os próprios procedimentos literários escolhidos.

No caso de MARIA HELOÍSA, as ilustrações da própria autora como que se diluem na narrativa, entre outros tantos apoios ao tecido verbal. Há poucas exceções, como em *No Reino Perdido do Beleléu* onde, por momentos, a ilustração se destaca como jogo complementar.

Quanto à atitude geral de cada uma das escritoras, pode-se dizer que Maria Heloísa PENTEADO é uma espécie de artesã, que recupera um gesto que se vai perdendo: o de entretecer, trabalho de capricho e vagar, a narrativa. Já Ruth ROCHA menos narra do que mostra, aponta para.

Maria Heloísa PENTEADO reelabora a melhor tradição dos contos para crianças. Ruth ROCHA recorta, ousadamente, um tipo de público para uma literatura, ao que tudo indica, assumidamente impura, veículo de idéias.

As opções das escritoras não constituem, por si, atestados de sucesso ou qualidade. O que Ruth ROCHA ganha em termos de atualidade nos gestos e nos valores defendidos – a aposta num mundo livre de convenções – pode perder no risco do utilitarismo apressado. O que MARIA HELOÍSA pode perder na reiteração de esquemas e motivos, na manutenção dos valores à meia-luz, ganha no cuidado de construir uma obra "por inteiro", que permite e sugere a adesão dos leitores, mas não os arrasta – respeito aos tempos de cada um.

O fato é que no reino já grandão da Literatura Infantil Brasileira representam dois caminhos nítidos, que não levam igualmente a Roma. E do ponto de vista dos leitores perdidos ou achados privilegiar um ou outro não é opção sem motivos ou conseqüências.